

MARTINS FERREIRA, Dina Maria. **De lo femenino a la política**: Lenguaje, identidad y representación social. Madrid: Editorial Académica Española, 2016. 119p. ISBN 978-3-639-87334-4.

Resenhado por Nair Rabelo¹
Universidade de Brasília

Recebido em: agosto 2018
Aceito em: fevereiro 2019
[DOI: 10.26512/les.v20i1.11637](https://doi.org/10.26512/les.v20i1.11637)

Docente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada na Universidade Estadual do Ceará (UECE), a autora Dina Maria Martins Ferreira atua nas áreas de Linguística e Linguística Aplicada. Seu foco de pesquisa é identidade, linguagem e políticas de representação, com uma visão crítico-pragmática. *De lo femenino a la política: lenguaje, identidad y representación social* é seu quarto livro. Também publicou *As vestimentas do rei - O sujeito Acadêmico*, 2014; *Não pense, veja - o espetáculo da linguagem no palco do Fome Zero*, 2006; e *Discurso feminino e identidade social*, 2002. Além disso, organizou livros, publicou capítulos de livros, resenhas, artigos em revistas internacionais e nacionais, e assina a organização e a revisão do livro *A Nova Pragmática, fases e feição de um fazer*, de Kanavillil Rajagopalan (2010), supervisor de seu segundo pós-doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem/IEL, na Universidade Estadual de Campinas.

Publicado em espanhol, o livro divide-se em três partes e cada uma se concentra em um tema, respectivamente: linguagem, identidade e representação social. A obra apresenta conjunto de estudos desenvolvidos pela autora em um recorte temporal que coincide com os dois mandatos do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2006; 2007-2010). E não é por acaso. A autora investiga a representação midiática de temas que envolvem a política brasileira nesse período em quatro dos grandes veículos de comunicação do país: *Folha de S. Paulo*, *Veja*, *Época* e *Istoé*. Para isso, adota metodologia qualitativa e interpretativa.

O livro é composto por seis estudos, com objetivos específicos distintos, mas com objetivo geral de debater a tríade linguagem, identidade e representação. Desta forma, a autora oscila entre análise de textos referentes ao ex-presidente Lula e referentes às mulheres envolvidas no processo eleitoral de 2002 (candidatas e esposas de candidatos).

A primeira parte – sobre linguagem – trabalha a ideia de que um mesmo referente estabelece sentidos distintos, ou seja, trata do deslocamento de suplementos valorativos que constroem outros sentidos para atender às solicitações textuais almejadas pelo/a emissor/a.

¹ E-mail: nairluisa@gmail.com

Nomeado *O discernível e o inescrutável na linguagem: as valorações de sentido e o referente* (em tradução livre), o primeiro capítulo toma por base texto de Derrida (*A Mitologia Branca*, 1991) para discutir a linguagem metafísica e para analisar como a linguagem se relaciona com o deslocamento do sentido. Para tanto, Ferreira se vale do aporte teórico-metodológico de Nicola Abbagnano (*Dicionário de Filosofia*, 2000): referente corresponde ao objeto que o ato de referência tem como objetivo. Já sentido seria o significado que linguagem e sujeito dariam a este referente. A partir disso, a autora faz referência à metáfora de Friedrich Frege para formular que o sujeito reconhece que o que vê corresponde ao que é o mundo; desta forma, ressalta as limitações do sujeito em perceber o mundo (dado que o que vê é mediado por vários filtros, além de vê-lo em parte e não em totalidade). A partir disso, a autora conclui que a metáfora é apontada por Derrida como um jogo de linguagem que propicia o deslocamento de sentidos em prol do sensível. Por mais redutor que se considere como processo nominativo, a linguagem nos dá a possibilidade de tocar o primitivo, o sensível.

Dividida em três capítulos, a segunda parte debate questões relativas à identidade na pós-modernidade. O primeiro capítulo foca a construção identitária feita pela mídia acerca do presidente Lula, nos primeiros quatro meses de mandato. O segundo capítulo propõe um debate sobre a manifestação do feminino no processo eleitoral brasileiro. Para tanto, Ferreira utiliza trechos de discurso midiático para fornecer subsídios a seus argumentos sobre como o feminino é convertido em instrumento durante a corrida eleitoral. Em sequência, o terceiro capítulo trata do processo de designação da mulher, abordado no capítulo anterior, que seria um organizador da construção da identidade feminina. Na segunda parte, então, a autora inicia os estudos com análises sobre a representação de Lula e, em seguida, ela se debruça sobre as representações femininas. É possível inferir que a abordagem intenta destacar as diferenças de representação de homens e de mulheres, dado que o contraste se faz evidente.

A discussão no primeiro capítulo centra-se na construção de categorias, ou seja, na designação em linguagem (em um contexto histórico) como eixo para a construção da identidade. Retomando a discussão iniciada no livro, a autora reforça que o jogo de significação se dá pela linguagem, que é um meio entre o sujeito e o mundo. Desta maneira, trata-se de uma lente acerca do mundo e não o mundo independente do olhar do sujeito. Destaca que a escolha de linguagem está relacionada com processos internos no emissor, de modo que a mensagem carrega em si subjetividades que devem ser consideradas ao serem analisadas. Disto, a autora destaca que a identidade não é algo estanque, mas um construto em constante transformação (tão orgânica quanto o olhar do sujeito). Ainda, ressalta que a construção de identidades se dá em contexto sócio-histórico particular.

Ao analisar os trechos dos textos jornalísticos, a autora formula que o indivíduo Lula é um sujeito constituído no discurso. Aliás, Ferreira destaca que a identidade se manifesta tanto fora quanto dentro do discurso. Contudo, o objeto de estudo do livro é apenas o indivíduo caracterizado no discurso, permeado por linguagem e, desta forma, trata-se de um sujeito social construído pelo olhar do outro. Daí, a autora destaca que o social se estabelece pela própria natureza social da linguagem discursiva, que suscita dois problemas centrais: a alteridade e o contexto.

Alteridade é entendida como a negação do que é nomeado, o “outro” que se manifesta no momento em que o “eu” se manifesta. Por exemplo, em trecho de matéria da revista *Época*, Lula é descrito como operário. A definição identitária de Lula como operário só faz sentido em um contexto social em que nem todos são operários, de forma que o significado da identificação só faz sentido se for um marcador de diferença. A cadeia da negação “é um ponto fundamental para que se perceba a identidade que permeia a categorização dos sujeitos. Como a categorização se faz posicionada na história e é contínua e transformadora pelo seu feito, o presidente operário é entendido como tal porque na história do Brasil a categoria presidente não-operário existe/existiu” (p. 22). Acerca disso, Ferreira acrescenta que a categorização se dá inserida no contexto histórico em que se encontra. Desta forma, afirma que “alteridade e contexto são níveis de construção de identidade que se sobrepõem no processo de categorização” (p. 23).

No segundo capítulo, a autora justifica seu interesse na construção de perfis identitários femininos em um momento histórico, dado que 2002 é o ano em que, pela primeira vez no Brasil, o número de mulheres eleitoras supera o de homens. Para esta análise, são selecionadas figuras femininas que aparecem de forma recorrente na imprensa. Em duas situações: candidatas a cargos eletivos – Roseana Sarney (pré-candidata à presidência da república), Rita Camata (candidata à vice-presidência), Rosinha Garotinho (candidata ao governo do estado do Rio de Janeiro) – e esposas de candidatos à presidência da República – Patrícia Pillar (Ciro Gomes), Mônica Serra (José Serra) e Marisa Letícia Lula da Silva (Lula). O enfoque da análise recai sobre o que essas figuras femininas significam para a “construção sócio-histórica do feminino” (p. 29), categorias femininas que transitam pelo sistema simbólico sociocultural brasileiro. As escolhas de Ferreira se baseiam na representatividade das funções sociais e na “representatividade do discurso midiático, ambos entendidos como lugares de ricas referências culturais dada sua natureza coletiva que difunde múltiplos valores e pelo imaginário coletivo” (p. 29).

A autora estabelece diferença entre feminilidade e “feminitud”: o primeiro entendido como designação que atende a pressupostos do patriarcado, que reforça a manutenção de uma imagem feminina idealizada, como a de esposa submissa, mulher delicada e frágil, mãe protetora e dedicada às demandas do lar, mulher jovem e elegante. Já “feminitud” é um termo proposto pela autora (na

segunda versão, revisada e ampliada, de *Discurso feminino e identidade social*, 2009, p. 105), que se refere à mulher contemporânea, que possui agência em seu mundo.

Usando o conceito de Kanavillil Rajagopalan, de que a linguagem é ecológica, a autora reforça a capacidade ressignificadora da linguagem, que confere novos significados ao momento em que é materializada na língua, de forma que não cancela os significados anteriores.

Ao passo que a segunda parte da obra estabelece a relação homem-identidade/ mulher-identidade, a terceira se assenta sobre a questão da representação social. É, talvez, a seção do livro com maior contribuição para os debates contemporâneos sobre a questão de representatividade e, quiçá, de lugar de fala.

Também dividida em três capítulos, aqui se nota maior diversidade de abordagens acerca do tema. No primeiro capítulo, a autora elabora sobre a “inclusão” de “excluídos” em estudo sobre a representação de Lula e de Geraldo Alckmim (candidato às eleições presidenciais em 2006) sobre o cidadão nordestino. No segundo, Ferreira aborda especificidades do emergente movimento de produção cinematográfica na região de Cabaceiras (Paraíba), denominada Roliúde Nordestina. Já no terceiro capítulo, a autora foca as narrativa midiáticas acerca do programa governamental Fome Zero. Aqui, o interesse recai na diferença de pontos de vista sensíveis: daqueles que passam fome e daqueles estão no poder, no governo.

Para tanto, a autora se debruça sobre a distinção entre corporalidade, corporeidade, corporização, citando Agnaldo Souza. Corporalidade se refere ao corpo em si, a porção orgânica; corporeidade estabelece uma relação icônica entre o corpo orgânico e o que ele projeta, em uma relação sócio-cultural; corporização, por sua vez, seria a parcela político-social, em que o corpo se “move de forma conotativa, performatizando, construindo e reivindicando significados ideológicos-políticos-sociais”.

A partir dessas definições, a autora apresenta a diferença entre *figura-persona* e *figura-personae*, em resgate às propostas de Thomas Hobbes em *Leviatã*. Para, enfim, tratar da estranheza causada quando um ator político se apropria de uma representação a qual não tem corporalidade que o justifique, desta forma exibindo uma faceta de máscara, disfarce e – por que não? – de estar fantasiado daquilo que presente representar, mas falhando terrivelmente. Seria o caso de ser apontado como um ser que se apropria do lugar de fala de outro para se promover, um invasor. Para superar essa falha, esse ser que não tem corporalidade que justifique a representação, teria se de esforçar na corporização, ou seja, na sua performance política.

É possível tecer relação entre o primeiro estudo da terceira parte do livro e o último. O primeiro apresenta a problemática da representação e o estranhamento quando ela não se completa com organicidade (corporalidade) ou legitimidade. O último capítulo, ao estudar uma charge sobre

o Fórum Econômico Mundial (FEM), se debruça sobre a falta de sintonia entre os representantes no FEM e os representados. Na charge, o grupo de seis homens sentados em semicírculo, vestindo terno e gravatas pretas (no melhor estilo burocrata-executivo), afirmam desejar aumentar a distância bilionária entre eles próprios e aqueles “pobres famintos” (a quem estariam representando). Estes representantes estão desenhados com máscaras nos rostos, semelhantes àquelas de bandidos de história em quadrinhos. E a pergunta que se coloca é: seriam as máscaras uma ironia? Não só à óbvia crítica de que os articuladores são espoliadores (de capital, de riquezas, da força de trabalho, e portanto responsáveis pela resultante miséria humana), como também uma sugestão de que eles seriam os representantes *figura-personae*, ou seja, sem corporalidade para representar a quem se pretendem representar, verdadeiros embustes.

Em certo ponto da obra, o/a leitor/a também é surpreendido/a por um sentimento de melancolia ao ser confrontado com o significado simbólico nacional da eleição de Lula e da relação dele com a esposa, Marisa Letícia, falecida em 2017. Considerando os acontecimentos políticos de 2018, é possível que lhe passe pela cabeça uma suspeita de que o mundo mudou rapidamente em 16 anos, transformando-se em algo quase irreconhecível.

Desta maneira, o livro transgredir sua proposta inicial e oferece, além de análise de discurso, um panorama de um Brasil no início do século XXI, as esperanças e expectativas, as representações, os preconceitos e, sobretudo, os heróis de uma época, para um contingente de brasileiros/as. Ademais, o livro elabora sobre inclusão e exclusão. Em termos de gênero, evidenciando as diferenças de construção identitária pela mídia de homens e mulheres envolvidos com o jogo político; e em termos econômicos e sociais, ao destacar a limitação de representação social dos “excluídos”, de modo que, em última instância, apenas os próprios “excluídos” têm propriedade para falarem de si.

Ao fim, a suspeita inicial do/a leitor/a – de que os três temas se entrelaçariam – se concretiza. Os estudos apresentados servem como exemplificação do que é proposto pela autora, acerca da tríade linguagem, identidade e representação social, e convergem para a questão da representação social dos “excluídos”, no caso, as pessoas que vivenciam a fome. Talvez, se o livro apresentasse considerações finais, o/a leitor/a arremataria pensamentos formulados ao longo da leitura. A autora, contudo, prefere deixar esse dever de casa para o/a leitor/a, possivelmente uma escolha que não limita interpretações, pelo contrário: dá espaço para que cada um/a formule a sua, de acordo com as bagagens teóricas e subjetivas que carrega.

O livro apresenta conteúdo que pode interessar não só ao/a estudioso/a de Linguagem, como também àqueles/as interessados/as nos cruzamentos entre análise de discurso, discurso midiático, política e questões de gênero.